



PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA DE
GEOGRAFIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia>

PESCA ARTESANAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO BATISTA – MA, AMAZÔNIA ORIENTAL

Lana Costa Ferreira¹ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1524-2080>
Marcelino Silva Farias Filho² - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6153-5293>
Vitória Gleyce Sousa Ferreira³ - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5085-3843>

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil

³ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil

Artigo recebido em 03/08/2023 e aceito em 01/09/2023

RESUMO

A organização socioeconômica de São João Batista, município maranhense situado na Amazônia Oriental, é voltado ao extrativismo animal, sobretudo, à pesca artesanal. A pesca artesanal caracteriza-se como a principal forma de subsistência para as famílias extrativistas inseridas no município em estudo. Deste modo, a presente pesquisa teve por objetivo analisar a pesca realizada em São João Batista, a partir da caracterização dos métodos e técnicas usados para prática da pesca, traçando o perfil socioeconômico dos pescadores locais e a sua relação com o desenvolvimento socioeconômico municipal. A pesquisa foi constituída através de elementos metodológicos da revisão bibliográfica e conhecimento popular, fundamentado pelas histórias de vida dos pescadores e os dados coletados com a aplicação de questionários semiestruturados. A pesquisa constatou que a atividade pesqueira realizada no município caracteriza como artesanal e comercial, em que os pescadores, através da comercialização do pescado, conseguem adquirir a renda mensal familiar e subsistem da atividade assegurando uma condição financeira estável. Verificou-se que as mulheres pescadoras possuem participação significativa em todas as etapas do processo pesqueiro. Das 200 entrevistas realizadas no município de São João Batista, 26,5% são mulheres pescadoras e 73,5% equivalem aos homens, sendo que 91% são de profissionais licenciados. Os pescadores (as) ingressam ainda crianças (9 a 12 anos) no setor pesqueiro, inicialmente

¹ Mestranda em Biodiversidade e Conservação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Edafologia e Pedologia (GEPEPE) vinculado ao Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: lane.costa@discente.ufma.br

² Doutor em Agronomia (Ciência do Solo) pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Jaboticabal. Mestre em Agroecologia e Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Licenciado em História e Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor Adjunto do Departamento de Geociências e do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: marcelino.farias@ufma.br

³ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista de Júlio Mesquita Filho – UNESP/Rio Claro. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: vitoriagleyce1@gmail.com

acompanhando os pais, visto que, 62,99% dos entrevistados estão em atividade entre 16 e mais de 30 anos. De modo geral, a atividade pesqueira realizada em São João Batista configura-se como artesanal e de média escala.

Palavras-chave: pesca artesanal; desenvolvimento socioeconômico; extrativismo animal.

THE ROLE OF ARTISANAL FISHING IN THE SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT OF THE MUNICIPALITY OF SÃO JOÃO BATISTA – MA, EASTERN AMAZON

ABSTRACT

The socioeconomic organization of São João Batista, a municipality in the state of Maranhão located in the Eastern Amazon, is focused on animal extractivism, especially artisanal fishing. Artisanal fishing is characterized as the main form of subsistence for extractive families inserted in the municipality under study. Thus, the present research aimed to analyze the fishing carried out in São João Batista, from the characterization of the methods and techniques used for fishing, tracing the socioeconomic profile of local fishermen and their relationship with the municipal socioeconomic development. The research was constituted through methodological elements of the bibliographic review and popular knowledge, based on the fishermen's life stories and the data collected with the application of semi-structured questionnaires. The research found that the fishing activity carried out in the municipality is characterized as artisanal and commercial, in which fishermen, through the commercialization of fish, are able to acquire the monthly family income and subsist from the activity, ensuring a stable financial condition. It was found that women fishermen have a significant participation in all stages of the fishing process. Of the 200 interviews carried out in the municipality of São João Batista, 26.5% are women fishermen and 73.5% are men, with 91% being licensed professionals. Fishermen (as) still enter children (9 to 12 years) in the fishing sector, initially accompanying their parents, since 62.99% of respondents are in activity between 16 and over 30 years. In general, the fishing activity carried out in São João Batista is artisanal and of medium scale.

Keywords: artisanal fishing; socioeconomic development; animal extractivism

LE RÔLE DE LA PÊCHE ARTISANALE DANS LE DÉVELOPPEMENT SOCIO-ÉCONOMIQUE DE LA MUNICIPALITÉ DE SÃO JOÃO BATISTA – MA, AMAZONIE ORIENTALE

RÉSUMÉ

L'organisation socio-économique de São João Batista, une municipalité de l'État du Maranhão située en Amazonie orientale, est axée sur l'extractivisme animal, en particulier la pêche artisanale. La pêche artisanale est caractérisée comme la principale forme de subsistance pour les familles extractives insérées dans la commune étudiée. Ainsi, la présente recherche visait à analyser la pêche pratiquée à São João Batista, à partir de la caractérisation des méthodes et techniques utilisées pour la pêche, en retraçant le profil socio-économique des pêcheurs locaux et leur relation avec le développement socio-économique municipal. La recherche a été constituée à travers des éléments méthodologiques de la revue bibliographique et des connaissances populaires, basés sur les récits de vie des pêcheurs et les données recueillies à l'aide de questionnaires semi-structurés. La recherche a révélé que l'activité de pêche exercée dans la municipalité est caractérisée comme artisanale et commerciale, dans laquelle les pêcheurs, grâce à la commercialisation du poisson, sont en mesure d'acquérir le revenu familial mensuel et de subsister de l'activité, assurant une situation financière stable. Il a été constaté que les

femmes pêcheurs participent de manière significative à toutes les étapes du processus de pêche. Sur les 200 entretiens réalisés dans la municipalité de São João Batista, 26,5 % sont des femmes pêcheurs et 73,5 % sont des hommes, dont 91 % sont des professionnels agréés. Les pêcheurs(as) font encore entrer les enfants (9 à 12 ans) dans le secteur de la pêche, accompagnant initialement leurs parents, puisque 62,99% des enquêtés sont en activité entre 16 et plus de 30 ans. En général, l'activité de pêche pratiquée à São João Batista est artisanale et de taille moyenne.

Mots-clés: pêche artisanale; développement socio-économique; extractivisme animal.

INTRODUÇÃO

A pesca artesanal no Brasil tem sua origem vinculada aos povos indígenas e seu modo de organização territorial, em que a captura e consumo das espécies de peixes e crustáceos são importantes meios de obtenção de alimentos para os aldeados. Por outro lado, a pesca, historicamente, foi realizada em conjunto com a agricultura como meio de subsistência e produção para o pequeno comércio por diversas comunidades localizadas nas áreas próximas aos corpos hídricos.

Embora a importância da atividade pesqueira, principalmente da categoria artesanal seja amplamente reconhecida pela sociedade em geral e governos, as informações sobre este setor estão dispersas e em alguns casos defasadas, o que dificulta a formulação de políticas e estratégias de planejamento e gestão que possam dar suporte ao desenvolvimento da atividade e daqueles que a praticam.

No contexto histórico, com o surgimento e modernização das cidades durante os séculos, a atividade pesqueira também passou a exercer papel fundamental no acúmulo de capital financeiro (CARDOSO, 2001, p. 23). No Brasil, por exemplo, desde o início da sua formação enquanto país, os povos indígenas praticavam a pesca como fonte de recursos para sua subsistência, devido às características litorâneas e dos recursos aquáticos (rios, igarapés, campos inundáveis, etc.) que o país apresenta, processo em que as técnicas e práticas foram passadas de geração em geração.

Posteriormente, a pesca artesanal avançou para o setor econômico do comércio e renda, auxiliando na manutenção financeira das famílias extrativistas. Entretanto, sua importância não se reduz apenas ao contexto econômico, desempenha importante papel na construção socioeconômica das comunidades tradicionais presentes no território nacional (MUNIZ, 2016).

A atividade pesqueira realizada no Maranhão tem grande importância na economia e na reprodução social dos grupos locais. O Estado apresenta características distintas socioambientais bastante diversificadas, possuindo um conjunto complexo de ecossistemas, com amplas áreas de manguezais e de outros ecossistemas litorâneos, extensos rios e lagos. As proximidades dos rios, lagos e estuários foram os locais escolhidos para ocupação pelos assentamentos que foram sendo

estabelecidos no Estado, em que vivem os pescadores artesanais que movimentam a economia local por meio da atividade pesqueira.

Um forte exemplo da influência da atividade pesqueira na formação de grupos humanos pode ser dado a partir de São João Batista, município localizado na Microrregião da Baixada Maranhense. Esse município é, caracterizado por relevo plano a suave ondulado e áreas baixas com presença de campos inundáveis que se transformam em amplos lagos de pequena profundidade no período chuvoso, ambiente que favorece a reprodução e alimentação de peixes de diferentes espécies e que garante o desenvolvimento da atividade pesqueira. Diante disso, grande parte dos moradores locais subsistem da captura, consumo e comercialização das espécies de peixes.

Como os moradores vivem em um lugar onde o principal meio de subsistência é a pesca, para que estes venham a ter outras oportunidades de trabalho, uma alternativa é a migração para outras regiões do Estado, especialmente em função da pouca visibilidade que esses pescadores têm e que resulta na baixa valorização da atividade pesqueira. Desse modo, é necessário abordar essa problemática e possibilitar a busca por alternativas para a condição e entraves que dificultam aos pescadores (as) fortalecerem as práticas pesqueiras e dos centros de comercialização e destinos das espécies aquáticas capturadas.

De acordo com Silva (2009), a atividade pesqueira artesanal consiste em uma importante categoria profissional, exercida por mulheres e seus companheiros que, reformula uma nova ordem na concepção de trabalho, culturalmente redefinindo os papéis. Salienta-se que o resultado do trabalho feminino na pesca acrescentado ao do homem eleva a renda familiar proveniente do sustento para suprir as despesas familiares (SILVA, 2009).

A pesca artesanal desenvolvida no município é uma atividade realizada conjuntamente por homens e mulheres abrangendo todas as faixas etárias, iniciando na fase de criança e perpetuando-se até a fase adulta. Assim, desde muito cedo, os conhecimentos e métodos da atividade pesqueira artesanal são passados pelos pais aos filhos em que é ensinado um ofício às gerações futuras, uma alternativa para o crescimento socioeconômico das famílias locais.

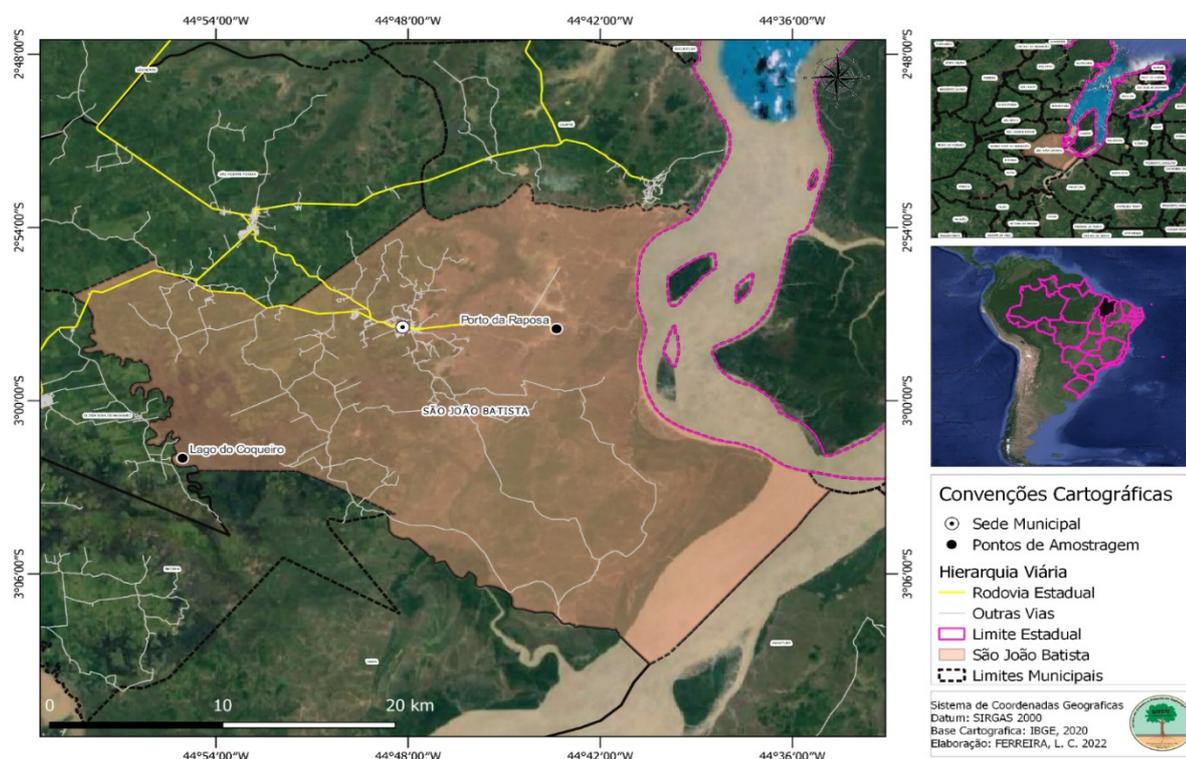
O presente artigo objetivou analisar o desenvolvimento da atividade pesqueira, principalmente, da categoria artesanal realizada em São João Batista, a partir da interlocução com os pescadores que praticam a pesca no município. Nesta perspectiva, esta pesquisa poderá servir para ampliar os estudos sobre a temática proposta, visto que são poucos os trabalhos, sobretudo na Geografia, que caracterizam a cultura pesqueira no município de São João Batista, abordando assuntos quanto às características sociais, culturais, econômicas e ambientais locais.

MATERIAIS E MÉTODO

Localizado na Mesorregião Norte do Estado do Maranhão, São João Batista é um dos 21 municípios que compõem a Microrregião da Baixada Maranhense (Mapa 1). O município em estudo possui sua sede localizada nas coordenadas 2°57'2" de latitude Sul e 44°48'25" de longitude Oeste, limitado ao norte pelos municípios de Cajapió e São Vicente Férrer, ao sul por Viana, Matinha e Olinda Nova do Maranhão, a leste pelo município de Anajatuba e as Ilhas dos Caranguejos situado no município de Cajapió e a oeste por São Vicente Férrer e Matinha (CUTRIM, 2016).

Distando 280 km da Capital do Estado, São Luís, abrange uma área de aproximadamente 690.683 km², com uma população estimada de 20.736 habitantes no ano de 2021, conforme dados do IBGE. Os dados do último censo demográfico (2010) demonstram que o município apresentava uma população equivalente a 19.920 habitantes, correspondendo a uma densidade demográfica de 28,84 hab./km² e com um IDH de 0,598 (IBGE, 2021).

Mapa 1: Área do município de São João Batista



Fonte: Ferreira, 2022.

A pesquisa constou de revisão de literatura e de levantamento de dados primários em campo a partir do conhecimento popular, fundamentado pelas histórias de vida dos pescadores. A revisão de literatura englobou obras de autores locais que se debruçaram na discussão dos atributos socioambientais da Baixada Maranhense, bem como artigos científicos que discutem questões legais e importância da atividade pesqueira no Brasil. Tais obras foram obtidas em plataformas digitais de

periódicos e de indexadores, bem como em bibliotecas públicas do município de São João Batista.

Os dados primários da pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas com os pescadores (as) do município de São João Batista. Dessa forma, constam questões semiestruturadas por meio de roteiro composto por questionário com perguntas abertas e fechadas, abordando sobre as características da pesca artesanal desenvolvida no município e dos aspectos socioeconômicos da população pesqueira.

A aplicação do questionário, com amostragem proposta para entrevista, foi executada em 9 povoados selecionados do município, baseado no critério de avaliar onde a pesca é a principal atividade econômica, sendo as comunidades de Alegre, Conceição, Enseada Funda, Maravilha, Mata, Raposa, Santana, Sarnambi e Vila Raimundão. Com a participação de 10 a 60 entrevistados por povoado visitado, dividindo em dois grupos, entre homens e mulheres, totalizando 200 entrevistas, comparando as experiências e as perspectivas dos distintos grupos, levando em consideração o tempo de trabalho que os pescadores (as) desenvolvem a atividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização socioeconômica de São João Batista, antes do seu reconhecimento como território municipal, o modo de vida dos moradores era voltado ao extrativismo animal, remonta aos tempos coloniais, com a cultura indígena da produção agroecológica e da agricultura e da atividade pesqueira, em que os moradores do local adotavam a pesca artesanal como forma de subsistência, adaptando-a ao novo lugar em que estavam. As técnicas usadas pelos pescadores atuais são aquelas técnicas de conhecimento empírico, ensinadas pelos seus antepassados e adquiridas ao longo dos anos com a experiência obtida pela atividade da pescaria.

Assim, o que aconteceu em São João Batista, com a intitulação da Lei nº 11.959/09 (BRASIL, 2013), e conseqüentemente os benefícios por meio dela obtidos, fomentou o interesse pela profissão, que aliado com a crescimento demográfica ocorrida no município de 10.000 habitantes em 1950 para aproximadamente 20.000 habitantes em 2015 (PNUD; Ipea e FJP, 2013), resultou no aumento de pessoas ingressando na profissão e diminuição do mercado consumidor, fragilizou a economia do município e dos pescadores que vivem da prática pesqueira.

A partir da análise das 200 entrevistas realizadas no município de São João Batista, 26,5% são mulheres pescadoras e 73,5% equivalem aos homens. Apesar da maior representativa masculina na atividade pesqueira, a pesca artesanal está longe de ser uma atividade exclusiva dos homens, sendo também realizada por mulheres que participam do ato de pescar e das atividades de confecção, manutenção e reparo dos apetrechos de pesca.

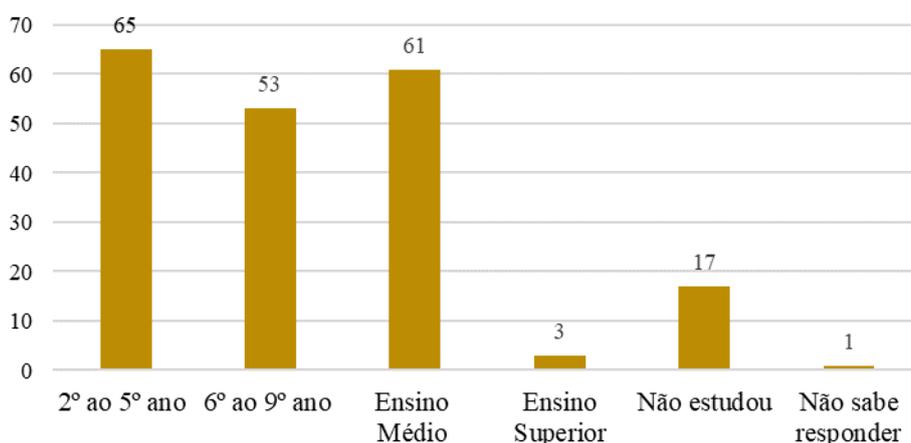
De acordo com os dados obtidos a partir do questionário, observou-se uma faixa etária média de 31 - 50 anos, correspondendo a 63% dos profissionais da pesca, de 18 – 30 anos, equivale a 24%

dos entrevistados e cerca de 13% dos entrevistados têm mais de 50 anos. Geralmente, ingressam ainda crianças (9 a 12 anos) no setor pesqueiro, inicialmente acompanhando os pais, visto que, 62,99% dos entrevistados estão em atividade entre 16 a mais de 30 anos.

Durante as entrevistas, foi constatado que 41% dos pescadores (as) apresentam um baixo nível de escolaridade ou não frequentaram a escola. Ressalta-se que esta realidade é fortemente influenciada por uma série de fatores que dificultam o ingresso e/ou a permanência destes na escola, seja, pela necessidade que os pescadores quando crianças têm para auxiliar com a manutenção financeira do seu grupo familiar, seja pela falta de oportunidade, uma vez que as escolas ficavam distantes dos povoados em que os pescadores (as) residiam, afetando no deslocamento até esses locais.

Segundo IBGE (2021), o município ocupa a 3.751 posição no ranking de taxa de escolaridade entre os 5.570 municípios nacionais, com índices equivalentes entre 4,1 a 3,4 no desenvolvimento da educação básica. Conforme apresentado pelos dados da pesquisa, 118 dos entrevistados estudaram somente até o ensino fundamental e outros 17 não estudaram (Gráfico 1), especialmente, os pescadores de faixa etária entre os 31 a mais de 50 anos, entretanto, os números do grau de escolaridade daqueles que terminaram o ensino médio, demonstram o aumento da busca por melhores níveis de conhecimentos, em que, 30,5% dos pescadores concluíram o ensino médio.

Gráfico 1: Nível de escolaridade dos pescadores



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A conjuntura produtiva pesqueira do município apresenta quatro categorias funcionais, sendo a dos pescadores profissionais, dos amadores, dos atravessadores e dos proprietários de embarcação, este último apresenta-se em menor número. Toda cadeia produtiva baseia-se na finalidade de comércio, tendo como segmento, um sistema de consumidores. O processo de comercialização do pescado ao consumidor ocorre de forma direta, quando realizados pelos pescadores ainda nas margens dos campos ou indireta, caracterizada pelo repasse dos pescados aos atravessadores e a venda na Feira do Peixe.

Dos entrevistados, majoritariamente são pescadores licenciados para realizar a atividade, os quais pertencente à categoria de profissional artesanal (89,5% dos entrevistados) que se deslocam as áreas de pescar, capturam os cardumes e comercializam o pescado, seja pela venda direto ao consumidor local, seja para os atravessadores.

Constantemente, o pescador realiza a atividade sozinho ou em dupla, 58% e 32,5% respectivamente. A pesca em grupo é praticada de forma mais ampla no povoado da Raposa, caracterizado pela pesca em alto mar, dos 30 entrevistados no povoado que corresponde a 15% do valor total de entrevistas, cerca de 9% realizam a pesca em grupo.

Os atravessadores também correspondem a uma categoria trabalhista da pesca. São pescadores profissionais, contudo realizam tanto o pescar como a compra dos pescados nas margens dos campos de outros pescadores. Esses profissionais utilizam motos e bicicletas para fazer o transporte do produto, seguindo com a função de vender a produção no próprio município ou em municípios vizinhos (São Vicente Ferrer, Olinda Nova do Maranhão e Matinha), os quais representam 1% do público entrevistado.

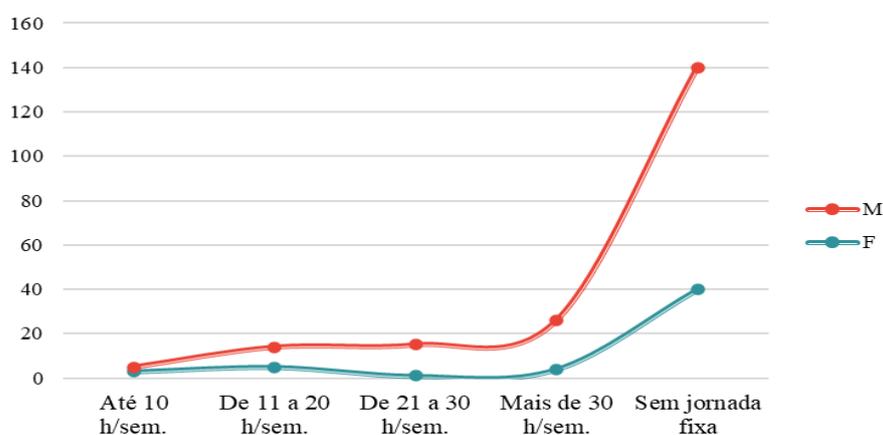
A terceira categoria profissional presente no município é a do pescador amador, que consiste em 9% dos entrevistados. São principalmente formados por pescadores jovens entre 18 a 25 anos que concluíram o ensino médio e ainda não escolheram uma carreira profissional ou continuar os estudos (ensino superior). São pescadores que não têm vínculo com as instituições competentes que configure o cadastro de pescador licenciado e que praticam a pesca somente para consumo e não vendem os pescados. O último grupo, são dos proprietários de embarcação 0,5%, que subsistem do aluguel e venda de barcos ou canoas para a pesca.

Os pescadores têm uma rotina de trabalho dinâmica e sazonal influenciada pelos fatores climáticos e naturais. A prática da pesca em São João Batista ocorre nos turnos matutino, vespertino e noturno. Os pescadores saem para pescar em horários variados, geralmente pela tarde deslocam-se para os locais de pesca onde são colocadas as redes (malhadeira) e na madrugada retornam aos locais que armaram as redes para a coleta dos peixes capturados; retornam no início da manhã para as margens do campo para a comercialização dos peixes capturados.

Quanto a influência do clima, nos meses de ocorrência da precipitação (janeiro a maio), o pescador sai para pescar dependendo da ocorrência da chuva, podendo sair para pescar antes ou depois da precipitação, sendo os melhores períodos para a captura dos peixes, já que com a chuva os peixes se deslocam para as áreas cobertas por vegetação sendo impossível colocar as redes nesses locais, o mesmo acontece com a luz do sol, os peixes ficam nas áreas cobertas dos campos, quais os apetrechos não são colocados por essa razão os pescadores saem de madrugada ou ao final da tarde para colocarem as redes.

Dos entrevistados, 70% dos pescadores afirmaram não ter uma jornada de trabalho fixa. Quando analisado separados as horas semanais trabalhadas pelos homens e pelas mulheres, há diferença significativa sendo 50% e 20%, respectivamente (Gráfico 2). Já aqueles que trabalham mais de 30 horas por semana 11% dos homens e 2% das mulheres, salientam que a pesca não se caracteriza somente como o ato de ir ao campo e capturar peixe, mas engloba todas as etapas anteriores que incluem a fabricação e manutenção dos apetrechos e embarcações para o desenvolvimento da atividade.

Gráfico 2: Jornada de trabalho (h/sem.)



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No que se refere a renda mensal dos pescadores, 51,5% dos entrevistados afirmaram ter renda de 250,00 a 500,00 reais; 31,5%, renda entre 550,00 e 750,00 reais por mês, pouco mais de 13,5% vivem com renda de até 1 salário mínimo e 3% têm renda de mais 1 salário mínimo. Levando em consideração a oscilação da atividade pesqueira entre os meses de estiagem e de chuvas, tais valores são irregulares, ou seja, podem ser maiores ou menores variando de acordo com a quantidade dos estoques de peixes e crustáceos comercializados.

Nessa perspectiva, para 67,5% dos pescadores sua renda como pescador é suficiente para as despesas familiares do mês e 32,5% disseram que não, o dinheiro ganho com a atividade não é suficiente para suprir as despesas. Quanto a isso, 85% dos entrevistados afirmam trabalhar exclusivamente na profissão de pescador. O restante dos entrevistados tem outra profissão (agricultura, pedreiro, doméstica e mecânico) ainda que informal e que é desenvolvida no período da piracema, sendo a pesca uma atividade financeira complementar.

Dos pescadores (as) entrevistados (as) beneficiários de programas sociais do governo federal e 73% recebem o Seguro Defeso, um tipo de benefício semelhante ao Seguro Desemprego, correspondente às quatro parcelas de 1 salário mínimo cada, garantidas pela Lei federal nº 13.134/15, no período da proibição da pesca (piracema) durante os meses de dezembro a março estabelecido pela

Portaria nº 85 de 2003, cerca de 43,5% são beneficiários do Auxílio Brasil e 14,5% não participam de qualquer programa social.

A maior parte da população municipal reside em casa de alvenaria e a outra parte vivem em casa de madeira, de barro e de palha, sem nenhum tipo de saneamento básico, ou infraestrutura como ruas asfaltadas, coleta de resíduos sólidos e serviços básicos de saúde os quais tem que se deslocar até a sede municipal para obter algum tipo de atendimento médico. Quanto à composição familiar, aproximadamente de 90% dos entrevistados são compostas de 2 a 5 membros, seguindo de 7,5% são formados por 6 a 10 membros familiares e 2,5% afirmam morar sozinhos.

O município se caracteriza pela atividade pesqueira sendo a principal fonte econômica das famílias extrativistas de São João Batista, fornecendo e disponibilizando alimento, emprego e renda para a população. Constitui uma atividade artesanal que permanece sendo desenvolvida com a utilização de técnicas e conhecimentos primitivos, os quais são adaptados a partir das experiências e ao longo dos anos de realização da pesca pelos pescadores.

Entretanto, ao longo das décadas, com o aumento do contingente populacional, resultou no aumento do número de pescadores ativos, corroborando para a necessidade da criação de uma instituição ou sindicato que represente e legalize a situação dos pescadores, ou seja, sua organização coletivamente para que os direitos, assim como os deveres, sejam atendidos e realizados, levando em consideração as necessidades dos envolvidos e assegurar o melhor desenvolvimento da atividade.

Atualmente, no município há um Sindicato e uma Colônia de Pescadores além de uma Feira do Peixe onde é realizada a comercialização de espécies aquáticas (peixes e crustáceos), situada na zona urbana de São João Batista. Contudo, os pescadores do município ainda encontram entraves, sobretudo, socioeconômicos que dificultam a esses indivíduos uma condição financeira e profissional estável.

Entre entrevistados, 95,5% têm intenção de permanecer na profissão de pescador, executando a pesca artesanal principalmente. Esse percentual inclui majoritariamente pescadores e pescadoras da faixa etária entre 31 a 50 anos, cuja relação com a atividade inclui aspectos sociocultural e histórico com a atividade e com o lugar. Em contrapartida, os 4,5% que não querem permanecer na profissão para buscarem uma atividade mais rentável, percentual que inclui mais jovens entre 18 a 20 anos.

A pesca artesanal constitui-se por associar os saberes dos pescadores e a dinâmica dos recursos naturais, especialmente dos corpos hídricos temporários como os campos inundáveis, que permanecem alagados durante um período do ano e depois têm o volume hídrico reduzido na época da estiagem. A sazonalidade da pesca tem relação direta com a renda e com a dinâmica social dos pescadores locais, visto que há meses em que o pescado é mais abundante, outros que a pesca é proibida e alguns em que ela é inviável.

Segundo os entrevistados o período no qual os cardumes são mais abundantes e o mercado pesqueiro é melhor são os meses de junho, julho, agosto e setembro, com os índices de 44%, 50%, 49,5% e 35% respectivamente, na avaliação dos pescadores. Dados os fatores naturais, nesse período que as chuvas deixam de ocorrer nos campos e posterior diminuição do volume de água e as espécies de peixes já passaram do período de reprodução e quantidades de cardumes são grandes favoráveis para a pesca nesses meses.

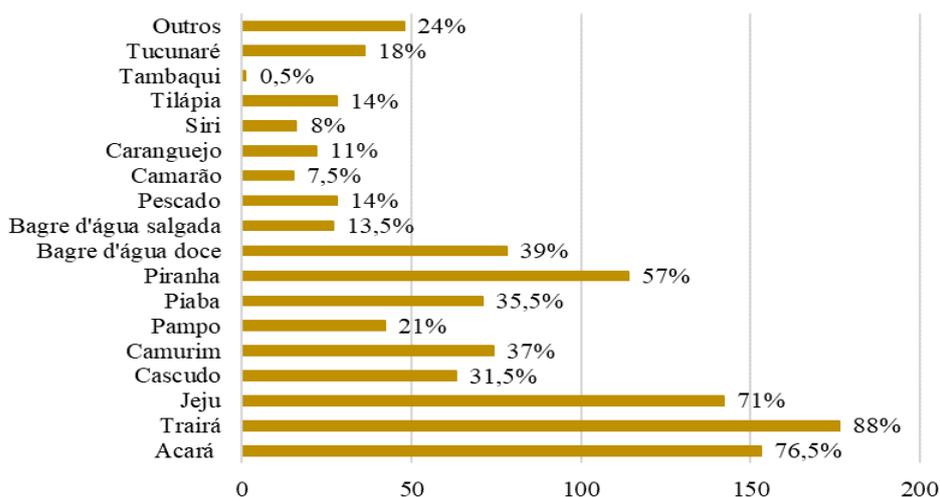
Os piores meses de acordo com os entrevistados são janeiro, fevereiro, março e dezembro, respectivamente com 46,5%, 31%, 20% e 55,5%. Ressalta-se que a ocorrência do período vigente de proibição da pesca em tais meses, também coincide com a época da reprodução das espécies aquáticas (fevereiro e março), ou seja, o estoque de peixes é baixo e estão sendo renovados, associado a isso, o início das chuvas qual os campos estão secos (janeiro).

Nesse cenário, a pesca artesanal realizada no povoado de Raposa, por exemplo, caracteriza-se de modo diferente do restante do município, a pesca dos crustáceos (camarão, caranguejo e siri) apresenta período de defeso sendo paralisada para a reprodução das espécies. Entretanto, na percepção dos pescadores local não há meses de redução da produção na atividade pesqueira, uma vez que, a pesca litorânea é mais difundida nessa região, favorecendo o desempenho da pesca ao longo do ano inteiro.

Diante disso, as espécies mais capturadas e conseqüentemente comercializadas no município são distintas por localidade, sendo assim, na pesca do igarapé da Raposa são o pescado (*Epinephelus*) e o bagre d'água salgada (*Bagre marinus*), dos crustáceos o Caranguejo é mais consumido, já na pesca de estuário são a traíra (*Hoplias malabaricus*), a acará (*Cichlasoma psittacus*, Heck), o jeju (*Erythrinus unitaeniatus*, Spix), a piranha (*Serrasalmus nattereri*) e o bagre d'água doce (*Helogenes marmoratus*) e também algumas espécies invasoras como o tucunará (*Cichla ocellaris*) com 18% dos e a tilápia (*Tilapia rendalli*) com 14% (Gráfico 3), segundo os pescadores no ano de 2021 foi o de maior pesca desses peixes, muito em parte pelo rompimento dos açudes próximos aos corpos hídricos da região que introduziram a tilápia no campo, uma espécie invasora de rápida reprodução e que compete com as espécies nativas por alimento e até mesmo comer os peixes menores, como a piaba (*Leporius Spix*) e o pampo (*Trachinotus*), o que aumentou o número da tilápia nas áreas de pesca.

Tais espécies são componentes de parte do cardápio e culinária local, presentes nas residências da população do município, compõe pratos típicos e variados ingredientes da culinária nordestina, uma mistura dos sabores indígenas e africanos, apreciados por seu sabor único. Sendo o mantimento econômico e de consumo de várias famílias de pescadores, expressando seu meio de organização social e de subsistência.

Gráfico 3: Espécies de peixes e crustáceos capturados na pesca artesanal



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

As espécies de peixes e crustáceos capturadas de modo geral são destinadas para a comercialização, através da venda direta de pescador para consumidor ou intermediada pelos atravessadores ou revendedores, localmente chamados de “cacheiros”. Cerca de 10% dos pescadores seguem com a produção para um local fixo, a Feira do Peixe, localizada na sede municipal, para a venda direta aos demais consumidores do município.

A maior parte dos pescadores dos povoados mais distantes da sede municipal não tem esse mercado fixo, assim a produção da atividade pesqueira do município é destinada a diversos setores de comercialização e consumo, tendo como principal meio de venda os atravessadores 66,5%. De acordo com os entrevistados, geralmente, os pescados já tem um comprador acertado, em que são passados os peixes para a revenda logo após a chegada às margens dos campos, igualmente outra venda de maior ocorrência é direta ao consumidor local sendo realizada por 30% dos pescadores entrevistados.

O segundo destino da produção não está voltado para a venda, mas para o consumo dos pescadores e suas famílias (em 44,5% dos casos). Em uma taxa menor, de aproximadamente 5% dos pescadores realizam ainda o sistema de troca dos peixes por outros produtos (farinha, verduras e legumes entre outras), ou dá aos seus vizinhos.

A produção da pesca destinada à comercialização na feira livre, expressa em menor porcentagem, somente 4,5% dos pescadores entrevistados responderam que a comercialização dos pescados vão para a Feira do Peixe, sobretudo, pela sua localização, presente na sede municipal, o que beneficia os pescadores que residem nos povoados mais próximos e não favorece tanto aqueles que habitam nas áreas distantes. A Feira do Peixe que deveria caracterizar-se como uma importante estrutura organizacional para o desenvolvimento da pesca, uma vez que, poderia assegurar aos

pescadores o crescimento da atividade expandido o mercado consumidor que se estabelece com a fixação do comércio dos pescados (peixes e crustáceos).

A pesca artesanal passou por transformações ao longo dos anos, entretanto algumas dessas mudanças não tiveram impactos positivos para a atividade e nem para os que a praticam. Tais problemas geram consequências para o desenvolvimento da atividade, visto que, pescadores e o ambiente são os principais prejudicados. Nessa perspectiva, sobre a percepção dos entrevistados quanto às mudanças relativas à pesca e ao meio ambiente desse tempo de realização da atividade, 51,5% não observaram alterações tanto na pesca como no meio ambiente nos últimos anos.

Os outros 48,5%, afirmaram ter percebido mudanças no setor pesqueiro e entre as principais dificuldades apontadas pelos entrevistados, destaca-se a diminuição dos estoques de peixes, resultante em grande parte da pesca predatória em que utiliza de apetrechos proibidos como a tapagem e o espinhel (que capturam além dos peixes grandes como os pequenos) e a prática pesca no período do defeso para a comercialização o que não é permitido (MAPA, 2003). O restante abrange entre 4% a 6%, sendo o aumento do contingente de pescadores, o cercamento do campo, a invasão dos recursos hídricos por espécies exóticas, colaborando para o desequilíbrio ecológico do ecossistema aquático e redução da produção da pesca artesanal.

Quando questionados sobre qual é a principal dificuldade para a realização da atividade pesqueira em São João Batista, 50,5% dos pescadores artesanais apontaram que a falta de fiscalização tem contribuído para os impactos negativos que a pesca vem sendo afetada nos últimos 10 anos. Na percepção 99% dos entrevistados não há inspeção alguma por parte das instituições representantes, tais como a Colônia, IBAMA e a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão – SEMA/MA que realizam idas esporádicas ao município para estudos e monitoramento da área de mangue.

Dos entrevistados, 14% informaram que a falta de organização dos pescadores pode ser observada como uma dificuldade para o crescimento da produção pesqueira no município. Sobretudo, a ausência de organização intensifica a ausência de uma postura estrutural dos pescadores que auxilie na expansão do mercado consumidor e dos aparatos para o desenvolvimento da pesca artesanal e dos pescadores e melhor assistência representativa e de caráter informativo.

De semelhante maneira, o desrespeito a legislação ambiental foi indicado como um problema recorrente para a atividade pesqueira, sendo que 8% dos pescadores entrevistados determina que os problemas com a redução dos estoques de peixes nos últimos anos podem ser vinculado ao descumprimento das diretrizes e normas contidas na Política Nacional para o Desenvolvimento Sustentável da Pesca e Aquicultura, regida pela Lei federal nº 11.959 de 2009, no período de 4 (quatro) meses, em que a atividade pesqueira é suspensa e somente por ocorrer a pesca artesanal para consumo.

Contudo, quanto apresentadas as legislações pesqueiras nacional e estadual, no parâmetro da referida Lei federal e da Lei estadual nº 8.089 de 2004, 96% dos pescadores entrevistados afirmaram não conhecer as Leis para o desenvolvimento sustentável da atividade pesqueira. Sendo um dado preocupante para a conservação dos ecossistemas aquáticos e manutenção da pesca artesanal, pela qual, a ausência de conhecimento desses profissionais autolimita o desempenho da pesca e sobrecarrega a sustentação da reprodução das espécies aquáticas.

Seguindo esse cenário, quando perguntados se conhecem os próprios direitos garantidos por Lei, 84% dos pescadores confirmam não ter informação alguma sobre benefícios e vantagens concedidos aos profissionais da pesca e dos 16% que afirmaram conhecer, geralmente só saber que existe um regulamento. Entretanto, nunca leram ou foram informados sobre as medidas descritas na norma, como por exemplo, a Lei Federal nº 13.134 de 2015 que dispõe sobre o Seguro Defeso, ainda que saibam do direito de recebimento das parcelas, porém não têm a informação completa do que está contido nela.

A pesca artesanal baseia-se no modo de reprodução histórica dos povos tradicionais do Brasil, baseado no uso de um sistema de técnicas diversas sobre o manejo dos recursos naturais e instrumentos (apetrechos) de captura ainda manuais, os quais estão relacionado ao local onde ocorre a pesca, tanto na marítima como na interiorana. Porém, em ambos os tipos de pesca são desenvolvidas interações com a natureza, sendo aquelas transmitidas às gerações pesqueiras pelos indígenas, as quais estão ligadas às etapas de apropriação, adaptação e reprodução das formas e métodos de pesca.

Tais apetrechos estão sendo produzidos de maneira artesanal, com matéria-prima local ou de baixo valor no comércio local. Popularmente chamada de malhadeira, os tipos mais utilizados pelos pescadores do município são a rede e o malhão. Consistir em uma rede feita a partir de panos com libras (linhas de nylon) entrelaçados no formato retangular plano, contendo espaços abertos onde os peixes e crustáceos ficam presos, correspondem as malhas que podem variar dependendo do tamanho das espécies que serão capturadas, quanto ao seu comprimento varia de 50m a 100m de e a altura varia de 1m a 10m. Geralmente, os panos já são fabricados e os pescadores compram prontos, somente os costuram nas bordas superior e inferior com “cordão de chumbo”, usando um tipo de “agulha” de emalhar específica e incluem as boias de isopor na parte de cima, finalizando a montagem da rede.

As redes são colocadas na vertical a lâmina da água, o pescador estende as redes na área de pesca, deixando-as, o qual volta para sua casa ou para uma construção feita nas áreas de campo, chamada de “rancho” onde aguarda algumas horas para retornar as redes, e coletar os peixes que foram capturados. Em relação as malhas usadas, em todos os povoados foram encontrados tamanhos variando de 25 cm a 40 cm para a atividade realizada em ambiente de estuário com espécies de peixes menores, e os de malhão de 45 cm a 120 cm para a pescaria em alto mar e igarapés.

Como apresentado, as malhas mais utilizadas para a atividade pesqueira em campos inundáveis e lagos foram as de numerações 5, 5.5, 6, 7 e 8 que correspondem aos tamanhos de 25 cm, 27 cm, 30 cm, 35 cm e 40 cm respectivamente. Já na pesca de ambiente costeiro, os malhões de numeração 20 e 24 equivalem aos tamanhos de 100 cm e 120 cm respectivamente.

A tarrafa é um tipo de rede que é confeccionado com um pano no formato circular com cerca de 4 metros de diâmetro, tendo preso ao seu centro na parte de cima uma corda conhecida nessa região como “fieira” e entre os espaços têm linhas que puxam a extremidade da borda da rede ao interior, assim como no caso da rede emalhar, o pescador também compra o pano já pronto, apenas para finalizar a montagem da tarrafa, inserindo em toda borda inferior o cordão de chumbo ou como é chamado popularmente de “chumbada” formando um cone que evita a fuga do pescado no instante do uso.

A realização da pesca na época das primeiras chuvas os pescadores utilizam o anzol. Esse tipo de apetrecho, utiliza-se do anzol na parte da ponta do “caniço” com uma linha de nylon de 50 a 100 cm de comprimento, variando de tamanho do anzol dependendo das espécies que o pescador pretende capturar. Usa-se como isca minhoca ou bolinhas de pão ou massa de mandioca, ressalva-se que antigamente também era utilizado da larva do bicho de coco (*Pachymerus nucleorum*), depois é lançado o anzol nas águas para fisgar os peixes. Tal pesca pode ser realizada o ano inteiro, entretanto, é mais comum de ser observada no período da estiagem, quando há um volume de água menor nos campos e os outros tipos (malhadeira e tarrafa) de pesca são pouco utilizados.

O choque é confeccionado totalmente de modo artesanal, o pescador utiliza-se de hastes, um conjunto de talas de marajá (*Bactris brongniarti*) de 40 cm a 1 m de comprimento, entrelaçados com cipó para fazendo o cesto, apresentando o formato de cone, não possuindo fundo ou tampa tendo suas duas extremidades aberturas, uma na parte superior menor de 15 a 20 cm e outra na parte inferior de maior dimensão, aproximadamente de 40 a 60 cm, com uma altura variando de 50 cm a 1 metro. A pesca de choque, consiste no pescador entrar na água com profundidade pequena, até a altura da coxa em que, vai andando e mergulhando o choque fixando na água, com a intenção de aprisionar o peixe, em seguida coloca sua mão pela abertura de cima do cesto e coleta o peixe capturado.

Essa técnica de pescaria é realizada no período da estiagem, onde o volume hídrico é reduzido e os pescadores priorizam o uso do choque. Todavia, caracteriza-se como uma atividade perigosa, há relatos dos pescadores de acidentes com piranhas (*Serrasalmus nattereri*), traíras (*Hoplias malabaricus*), pois ao “choquear” nas águas escuras dos campos o pescador não observa o que foi pego pelo choque e ao colocar a mão, em alguns casos é surpreendido por uma mordida na mão desses peixes.

Outros métodos e técnicas observados são proibidos para a pesca, tais como, o espinhel e a tapagem, apetrechos não permitidos pela legislação pesqueira, pois capturam além dos pescados de

tamanho aceitável também os menores conseqüentemente, afetam o ciclo de reprodução das espécies, reduzindo os estoques de pescados que apresentaram números menores de peixes coletados na pesca, prejudicando não só o ecossistema aquático com a perda da fauna como também a subsistência dos pescadores e sua família.

São vários os tipos de espinhel usados na atividade pesqueira e na região dos campos inundáveis caracterizam-se os feitos com uma pequena haste de arame liso de 5 cm de comprimento, sendo pontiagudos nos dois lados, amarrado com a linha de nylon a uma boia de isopor retangular. Em outras regiões do país e até mesmo na pesca marinha maranhense, o espinhel é formado por uma linha principal da qual segue várias linhas secundárias onde são amarrados os anzóis na sua extremidade.

Tal apetrecho funciona de forma passiva, ou seja, o pescador desloca-se ao local de pesca em que, coloca os espinhéis nas águas deixando-os à deriva sustentado pelas bóias, assim como, no uso da rede de emalhar ele retorna para sua casa, esperando que com a utilização das iscas atraia os peixes, depois de algumas horas retorna para buscar os espinhéis. As iscas mais usadas são peixes menores, tais como, piaba (*Leporius Spix*), pampo (*Trachinotus*), acará (*Cichlasoma psittacus, Heck*) entre outros, configurando um crime ambiental.

A tapagem (curral) consiste em uma armadilha de pesca que é fixada no solo no período de estiagem em que águas estão mais rasas, constituídas de varas de madeira, talas dos babaçuais, cordas ou cipós de amarração. São construídas paredes com as talas posicionado uma próxima a outra e as amarrando com entrelaço, deixando uma parte aberta o suficiente para o peixe entra e não sair, em outras palavras, direciona o peixe para uma base menor popularmente chamado de curral, construída dos mesmos materiais, mas com formato arredondado ou quadrado. A pesca realizada com tapagem configura uma problemática ambiental que autolimita a atividade, porque ocasiona a captura dos peixes menores, impedindo sua reprodução e reduzindo as espécies, caracterizando a sobrepesca.

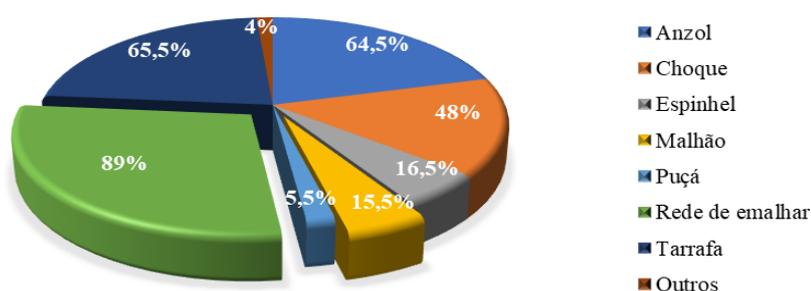
Dos apetrechos de pesca são diferenciados de local para local e de acordo com a modalidade de pesca e recurso hídrico onde ocorre. Assim, no município de São João Batista, em que ocorre tanto a pesca continental quanto a de estuário e a marítima, os apetrechos artesanais (Gráfico 4), são bastante diversificados sendo os mais utilizados: a rede emalhar (malhadeira), tarrafa, anzol com vara (caniço) e o choque ou socó, usados nas áreas de campos inundáveis e lagos; o malhão, a puçá para coleta do camarão e até mesmo as mãos na captura do caranguejo são mais usuais na pesca na zona costeira e no ambiente de mangue.

Nas comunidades analisadas, 89% dos pescadores usam a rede de emalhar de espera fixa, propícia para a captura de maiores quantidades de peixes, estendida ao longo dos “córregos” (normalmente em travessia), seguindo da pesca com o método de tarrafa e de anzol com caniço, em 65,5% e 64,5% dos casos respectivamente. Já com os apetrechos mais artesanais, como o choque, sendo

48% dos profissionais utilizam nos meses de maior escassez hídrica até o mês de janeiro início do período chuvoso.

Na pesca realizada no igarapé da Raposa, predomina a pesca de malhão (15,5% dos casos) no município, corresponde a 100% dos entrevistados (30 pescadores) no povoado de Raposa. Levando em conta que os peixes capturados nessa região possuem maior porte em relação aos pescados das áreas de campos inundáveis. O uso da puçá ou gererê de arrasto para a captura do camarão, 5,5% confirmaram a utilização dos instrumentos de pesca.

Gráfico 4: Apetrechos utilizados pelos pescadores



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Nas áreas de campos inundáveis, em sua maioria, são utilizadas as canoas pequenas, possuindo entre si uma certa semelhança em suas formas de local para local, variando somente o material de que são fabricadas tais como, de madeira, placa e de chapa (alumínio), quanto às áreas de pesca do igarapé da Raposa são usados barcos de pequeno a médio porte, propício para a pesca de alto mar difundida nessa região. Quando perguntados sobre o tipo de propulsão das embarcações, os pescadores informaram que o principal, é o motor de rabeta, que otimiza o tempo de deslocamento nas pescarias e transporte de pessoas e bens.

Dos pescadores entrevistados, 56,5% possui canoa de madeira, enquanto que a canoa de placa de fibra e borracha 14%, fato este devido ao custo benefício da compra e manutenção das canoas de madeiras ser mais em conta para os pescadores. Entretanto, os pescadores do igarapé da Raposa utilizam tanto barcos de porte médio como pequeno, ambos correspondendo a 7,5% dos entrevistados, entretanto são a maioria dos barcos presentes nesse povoado em virtude da pesca em alta mar ser difundida e do transporte de pessoas, de São João Batista a São Luís via fluvial ainda sendo realizado. Quanto aos apetrechos adicionais para o deslocamento das embarcações, o motor de rabeta apresenta grande uso entre os pescadores do município, 75,5% dos entrevistados têm tal apetrecho e somente

15,5% ainda utilizam do remo (vara de bambu), em que empurram a canoa para deslocá-la pela água. Por fim, cerca de 13% não possui nenhum tipo de embarcação, geralmente praticam a pesca coletivamente, com outros pescadores que são donos de embarcações.

Como forma de desenvolver a atividade pesqueira de caráter profissional, a Colônia de Pescadores foi criada no município a partir da Lei 11.699/2008, como instituição que representa a classe dos trabalhadores do setor artesanal da pesca. Com o objetivo de defender os direitos e interesses da categoria, em juízo ou fora dele, dentro de sua jurisdição municipal. Para os pescadores artesanais foi um marco, porquanto, para essa classe profissional da pesca, desse momento em diante ter uma instituição que os representa convenientemente perante as esferas do governo brasileiro. A Colônia de Pescadores Z63 de São João Batista foi criada em 19 de agosto de 2001, antes mesmo da Lei Federal ser promulgada, tendo por objetivo principal organizar e legitimar a classe profissional de pescador artesanal, decorrente do período que não tinha nenhuma instituição que representasse e assistisse aos pescadores artesanais do município perante os órgãos nas esferas federais, estaduais e municipais (Brasil, 2013).

Criado em 16 de julho de 2008, o Sindicato de Pescadores caracteriza-se como uma organização, só que na condição de instituição sindical, que reivindica os direitos e os deveres dos profissionais da pesca artesanal associados, lutando em favor dos interesses dessa classe trabalhadora, tendo objetivos semelhantes da colônia, o qual, tem a função de representar juridicamente os pescadores, além de auxiliar e orientá-los quanto aos seus benefícios. Em relação aos dados estatísticos de quantidade de filiados e demais informações, não foram fornecidas pela instituição.

Nessa perspectiva, o pescador artesanal de São João Batista pode optar por filiar-se ou à Colônia ou ao Sindicato de Pescadores para garantir a legitimidade como profissional licenciado em que, ambos são certificados para atribuir a licença para os pescadores do município. No município, dos 200 entrevistados, 80% são associados na Colônia de Pescadores, 11% são filiados ao Sindicato de Pescadores e 9% não possuem vínculo associativo com quaisquer instituições representantes dessa classe profissional.

Entre os associados, quando perguntados sobre as participações nas reuniões dos órgãos, 16,5% responderam que vão sempre às reuniões quando solicitados, já 53% afirmaram que participam de forma eventual, seja pela falta de tempo ou por não terem transportes para se deslocar até a sede da instituição. Os 29,5% restantes que não participam são os que não têm vínculo. Atualmente, de acordo com as informações obtidas na Colônia Z63, conta com uma média de aproximadamente 2.800 associados ativos, residentes do município de São João Batista, maiores de 18 anos que praticam a atividade pesqueira exercendo-a como meio econômico de subsistência, tanto os pescadores da pesca

de estuário como da marítima, assegurando que seus direitos sejam respeitados e prestando assistência aos grupos pesqueiros.

Contudo, o fator determinante para o desenvolvimento da pesca no município, se dá pelos atributos naturais, principalmente presenças dos corpos hídricos. Situado no conjunto lacustre, importante sistema de riachos e campos inundáveis temporários alimentados por ciclos sazonais de inundação, formando a intrusão marítima de São João Batista. Apresentando em seus recortes e sobreposição às demais reentrâncias, que foi originada pelo antigo mar flandriano, com a invasão marítima em menor avanço dos que ocorreram nas reentrâncias (FRANCO, 2012, p.227).

Os campos inundáveis e “tesos” (CUTRIM, 2016) como são denominadas as áreas que com a ocorrência das chuvas ficam cobertas de água e com o período da estiagem secam. Sendo o primeiro, se constituem tanto em grandes artérias como em sangradouros e igarapés, nas suas entradas caracterizam-se pelas baixas e enseadas. Os igarapés destacam-se por ser pequenos rios ou simples derivações (FARIAS FILHO, 2012). Dessa maneira, a reprodução dos modos de vida dos pescadores artesanais é refletida social e economicamente por meio da atividade pesqueira realizada artesanalmente (MUNIZ, 2016, p.47).

O município de São João Batista, localizado na Baixada Maranhense territorialmente apresenta em sua organização social, assentados em seu espaço físico que assinala condições climáticas do tipo úmidas e quentes. Na qual, conforme Farias Filho (2012), “tais características permitem a formação de um complexo de ecossistemas compostos por vegetação e fauna diversificada, que assume importância social para a população local”. Em sua grande maioria a população residente nessa área é mesclada de grupos sociais que sobrevivem da pesca e outras atividades de subsistência (FARIAS FILHO, 2012, p.19).

As reentrâncias dos lagos de Coqueiro e dos Peixes em que, o primeiro abrange uma área de 175,3 km², apresentam grande relevância socioambiental para São João Batista, visto que, seu potencial hídrico perene, favorece vários povoados com seu abundante valor para a pesca artesanal (FRANCO, 2012). Decorrente disso, os pescadores deslocam-se para o lago de Coqueiro, em busca dos grandes cardumes, constituindo uma produção em crescimento no período chuvoso. O segundo, como o nome sugere, Lago dos Peixes, apresenta grandes estoques de peixes, os aspectos naturais que é formado por uma classe subsequente dos lagos de reentrâncias, sendo considerado como um conjunto da intrusão marítima em sua área de abrangência, sendo o corpo hídrico situado em maior elevação altimétrica, em que desembocar diretamente no rio Mearim, por meio do igarapé da Raposa (FRANCO, 2012, p.230).

O percentual da atividade pesqueira artesanal realizada na região dos campos inundáveis é representada pelas comunidades assentadas nas proximidades dos corpos hídricos. Dessa forma, as especificidades e particularidades da organização social e econômica voltada à pesca artesanal nos

campos inundáveis pode ser constituída por diferentes concepções, as quais atribuem perfis ecológicos aos pescadores visando a preservação da natureza e dos recursos hídricos (MUNIZ, 2016, p.72).

Para uma compreensão mais abrangente das técnicas e modos pesqueiros desenvolvidos em São João Batista, evidencia-se o igarapé da Raposa, localizado em uma área de mangue mais ao norte do município em povoado com o mesmo nome por exemplo, que se caracteriza por ser um ponto logístico que apresenta a execução tanto a pesca interiorana (estuários) como da litorânea (alto mar), que corresponde a reprodução socioeconômica dos pescadores locais, utilizando dos conhecimentos e práticas pesqueiras artesanais, adaptando-os aos tipos e apetrechos de pesca levando em consideração, os ambientes e as espécies aquáticos de água doce e da salgada (peixes e crustáceos) capturados e comercializados com a realização dessas duas categorias da atividade.

CONCLUSÃO

Diante dos dados e argumentos supracitados, a atividade pesqueira realizada em São João Batista configura-se como artesanal e de média escala. De acordo com as informações obtidas, na maioria dos povoados em que ocorre a prática da pesca artesanal no município é comum o uso de pequenas embarcações de madeira e apetrechos de pesca rudimentares, com maior frequência são utilizados a malhadeira, anzol, tarrafa e choque na captura do pescado local.

Em povoados como Raposa e Sarnambi, foi possível constatar que a atividade pesqueira artesanal não é apenas uma forma de obtenção de renda, mas um meio importante de reprodução dos saberes populares que precisa ser preservado. Embora os pescadores, apresentem, em sua maioria, indivíduos adultos entre 31 e 50 anos, com baixo nível de escolaridade, que praticam a profissão, tanto por ser para eles, a única alternativa de trabalho no município ou pela relação de identificação com a pesca e o meio natural local. Os pescadores, através da comercialização do pescado conseguem adquirir a renda mensal familiar, em que, subsistem da atividade extrativista assegurando uma condição financeira estável.

A forma como os pescadores do povoado Alegre exploram os recursos hídricos é estabelecida por meio de uma relação de identificação homem-natureza, produzindo saberes e técnicas fundamentais para a organização e avanço da atividade. Os quais, entendem a importância do meio físico para o desenvolvimento da pesca e do sustento das famílias pescadoras, cujo permanece o conhecimento que foi sendo transmitido pelas gerações passadas e aqueles que foram aprendidos ao longo dos anos de realização da atividade através da experiência obtida. Assim, os pescadores compreendem as dinâmicas do espaço geográfico que influenciam diretamente na realização da atividade.

Tradicionalmente, a pesca artesanal por muito tempo foi vista como uma atividade profissional realizada exclusivamente por homens, em que as mulheres pescadoras, por vezes são tratadas como categoria vulnerável no âmbito da atividade pesqueira. Entretanto, no município observa-se a presença das mulheres pescadoras, sobretudo, trabalhando em todas as etapas do processo pesqueiro, participando efetivamente da confecção dos apetrechos, como da ida aos locais de pesca realizando a captura dos peixes, desempenhando um papel importante no desenvolvimento da pesca, condicionando meios de valorização da atuação das mulheres na pesca artesanal.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Legislação Pesqueira**. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013, 71 p.

CARDOSO, E. S. **Pescadores Artesanais: Natureza, Território, Movimento Social**. 2001. 143 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CORREIA FILHO, F. L. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea, estado do Maranhão: relatório diagnóstico do município de São João Batista**. Teresina: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2011. 31p.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Metodologia da pesquisa, conceitos e técnicas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

CUTRIM, R. C. **Perfil de São João Batista**. 2. ed. São Luís: Gráfica Gênese, 2016, 140 p.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FARIAS FILHO, M. S. (org.) - **O Espaço Geográfico da Baixada Maranhense**. 1ª Ed. São Luís, MA: JK Gráfica Editora, 2012, 249 p.

FRANCO, J. R. C. **Segredos do rio Maracu – a hidrogeografia dos lagos de reentrâncias da Baixada Maranhense**. Sítio Ramsar, Brasil – 1ª edição – São Luís: Edufma, 2012, 302f.

IBGE. **Cidades**. Maranhão/São João Batista: História e Fotos. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

IBGE. **São João Batista- MA**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-joao-batista/panorama>>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.

MAPA. **Portaria IBAMA nº 85, de 31 de dezembro de 2003**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e_pesca/legislacao/defesos/portaria-ibama-no-85_12_2003.pdf.view>. Acesso em: 17 de outubro de 2021.

MUNIZ, L. M. **Pescar e despescar: uma análise do cotidiano da pesca artesanal por um grupo de pescadores em Penalva – MA**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Maranhão. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Luís, 2016, 237f.

PNUD; IPEA; FJP. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil: São João Batista – MA.** 2013. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sao-joao-batista_ma>. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SILVA, J. M. O.; LOPES, R. L. M.; DINIZ, N. M. F. Fenomenologia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília: - v.61, n.2, p. 254 – 257, 2008.

SILVA, A. F. **Pesca artesanal: seu significado cultural.** Ateliê Geográfico, v.3, n.1, p.132 – 149, 2009.